



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A ESCRITA DA HISTÓRIA: UM PONTO DE VISTA

Autores: CÉLIO BARBOSA DE FREITAS;

Introdução

Esta pesquisa visa trazer o debate da escrita da história na perspectiva da subjetividade da própria disciplina e dos historiadores. Mostrando ao leitor, de forma simples e resumida, como um mesmo fato, ou evento histórico, pode ter várias interpretações se pesquisado por diferentes autores, ou até mesmo pela distância temporal, da data do acontecimento. Portanto, a subjetividade e a distância de uma geração para outra, produz diferentes interpretações, como por exemplo, se estamos perto demais de uma montanha, não enxergamos a sua dimensão, e para o historiador que está no momento do acontecimento, corre o mesmo risco, o de não ter uma visão panorâmica uma vez que faz parte do acontecimento. Lembrando que a discussão das interpretações entre gerações diferentes, não tem o objetivo de julgar, qual geração melhor interpretou determinado evento, e sim mostrar como diferentes versões construídas através da subjetividade da disciplina, dos métodos e dos historiadores, produzem diferentes visões de um mesmo acontecimento. Esta pesquisa se justifica, ao trazer o debate sobre a escrita da história, como um processo de produção, com métodos e evidências que devido aos paradigmas e a atuação do historiador levam a caminhos diferentes. E temos como objetivo, além de trazer essa questão para o debate, ajudar o acadêmico de história a entender sobre a teoria, e adentrar no universo desta discussão. Desta forma, usaremos como referencial teórico, sobre a perspectiva de se escrever história, autores como, Peter Burke, Jean Chesneaux, Paul Veyne e Adam Schaff.

Material e método

Os materiais da pesquisa são livros de autores que escrevem sobre teoria da história, e o método utilizado é a revisão bibliográfica de alguns textos, que fizeram parte dos debates na disciplina de teoria da história no mestrado, onde foi levantada a discussão para a escrita deste texto.

Resultados e discussão

Quantos caminhos pode um homem percorrer no decurso de sua vida? E ao mesmo tempo quanto tantos caminhos se entrelaçam? Criando assim uma complexa rede de vivências e comunicações em uma dada sociedade, que a meu ver, jamais poderia ser capturadas por um único olhar, e, no entanto outros olhares poderiam produzir outras perspectivas. Onde quero ir, com tais preposições seria explicado de forma simples, dizendo que a escrita da história é uma produção que delimita o espaço tempo e tema, para construir uma versão de homens em determinadas sociedades em um tempo determinado. Mas, por outro lado, essa simplicidade não tem nada de simples. Uma vez que o saber histórico é construído e tem a sua própria história, o que chamamos de historiografia da história, que nos mostra um longo caminho percorrido por debates sobre a escrita da história. Ou seja, a vários métodos de se escrever história, juntamente com as escolhas do historiador nos leva a pontos de vista diferentes, pois a ausência que um deixa é preenchido por outro, mas sempre haverá um vazio, algo por dizer.

Para tentarmos, compreender essa complexidade da escrita da história, temos que rebobinar a fita da historiografia. Mas, não voltar tanto, e sim apenas a momentos que nos interessa para construção de um texto compreensível. Então, começaremos a partir de Ranke, ou como Burke nos trás a definição que “será conveniente descrever este paradigma tradicional como ‘história rankeana’ (BURKE,1992,p.10). Nesse caso temos esse modelo tradicional, que tem um método, (e isso é o que nos interessa) sendo esse uma visão da história dos grandes acontecimentos, portanto no “paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente a política” (BURKE,1992,p.10) voltada, para os grandes homens de seu tempo, em outros termos, uma história elitizada. Uma vez que, os documentos eram chamados de oficiais, tinham sua própria subjetividade, não podendo o historiador por ele, chegar a uma história do povo comum e seu cotidiano.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Temos até agora um ponto de vista da história, e o contraponto a esse é a chamada nova história (BURKE). Essa ao contrário do paradigma tradicional, amplia o olhar, para a “história vista de baixo” ou seja, para outros setores que outrora foram rejeitados ou até mesmo nem visto, uma vez que os próprios aspectos da fonte, não possibilitava. Portanto, o cultural, o social e o econômico, são nesse momento parâmetros de análise para a escrita da história. E isso nos leva a um leque maior de análise. Mas, não confundiremos um olhar mais amplo, como o único e por assim dizer “verdadeiro”. Pois a nova história também tem algumas limitações, como nos esclarece Burke,

“Do mesmo modo, por razões internas ou externas, não é fora de propósito falar-se da crise do paradigma tradicional da escrita da história. Todavia, o novo paradigma também tem seus problemas: problemas de definição, problemas de fontes, problemas de método, problemas de explicação[...] Por exemplo, se a cultura popular é a cultura “do povo”, quem é o povo? São todos: o pobre, as “classes subalternas”, como costumava chamá-las o intelectual marxista Antonio Gramsci? São os analfabetos ou os incultos? Não podemos presumir que as divisões, econômicas, políticas e culturais em uma determinada sociedade necessariamente coincidam. E o que é educação? Apenas o treinamento transmitido em algumas instituições oficiais como escolas e universidades? As pessoas comuns são ignorantes ou simplesmente tem uma educação diferente, uma cultura diferente das elites?” (BURKE, 1992, p.20,21)

Até agora estamos a falar de dois pontos de vista, antagônicos por assim dizer, mas esses são apenas a ponta do iceberg. Pois dentro dessas duas correntes de se fazer história, existe o econômico, o social, o político e o cultural, somente nesse momento temos na mão quatro possíveis direções que possibilitará análises diferentes. Portanto, considerar esses aspectos é a tentativa de expandir o universo da escrita. E ainda assim, não escreveríamos uma história pronta e acabada, ficaríamos ainda em um ponto de vista.

Mas, até o momento estamos a traçar possíveis possibilidades de seguir diferentes caminhos, na produção historiográfica. Cabe agora, falar de assuntos pormenores que esta na subjetividade da disciplina e do historiador, que como pessoa tem suas escolhas seus vícios e etc. pois, “O historiador não é mais neutro que o legislador, o escriba, o arquivista, o memorialista, o orador, o epistológrafo.” (CHESNEAUX, 1995, P.69) Em outras palavras tanto as fontes, como a própria produção historiográfica é produzida por pessoas, com interesses individuais ou coletivos.

Isto nos leva a um ponto, uma discussão sobre as escolhas que o historiador faz, elegendo alguns aspectos, e até mesmo deixando de lado a história de alguns povos, portanto, a história em seu processo final, é uma produção lacunar, e cabe ao leitor atento questionar, como nos esclarece Veyne,

Por baixo da superfície tranquilizadora da narrativa, o leitor, a partir do que diz o historiador, da importância que parece dar a esse ou aquele tipo de fatos (religião, as instituições), sabe inferir a natureza das fontes utilizadas, assim como as suas lacunas, essa reconstituição acaba por tornar-se um verdadeiro reflexo; ele adivinha o lugar de lacunas mal preenchidas, não ignora que o número de páginas concedidas pelo autor aos diferentes momentos e aos diferentes aspectos do passado é uma média entre a importância que estes aspectos tem a seus olhos e a abundância da documentação; sabe que os povos ditos sem história são, simplesmente povos cuja história se ignora, [...] (VEYNE, 2008, p.26,27)

Como visto na citação anterior, toda produção tem seu ponto de vista e deixa lacunas a serem preenchidas, mas isso nos leva a pensar em outro aspecto. Supomos que diferentes historiadores escrevem sobre um determinado fato em comum, todos chegam a produções e conclusões diferentes, o que explica essas diferentes versões de um mesmo fato histórico na historiografia? Sem considerar apenas a subjetividade do historiador, tentaremos responder a essa questão, com a diferença de uma geração para outra, colocando em evidência a distância do acontecimento. E para tentarmos responder, primeiro traremos alguns questionamentos de a Schaff: “porque é que cada geração (ou quase) possui – e, segundo alguns, deve mesmo possuir – a sua própria visão do processo histórico? Qual é a causa deste fato e o que é que o constitui?” (SCHAFF, 1978, P.269). Respondendo a essas questões, o autor vai a duas concepções tipológicas, que ao seu dizer se sobrepõe. A primeira é que “a reinterpretação da história é função das necessidades variáveis do presente” (SCHAFF, 1978, P.270). Desta forma, partiremos das necessidades geradas pelo presente para assim reconstruir o passado, mas o autor não concorda com essa visão do “presentismo” levada ao extremo, porque tiraria da história o caráter de ciência.

A segunda concepção é que, “a reinterpretação da história é função dos efeitos dos acontecimentos do passado emergindo no presente” (SCHAFF, 1978, P.270). Esta concepção nos mostra que, quanto mais próximos estamos dos acontecimentos que desejamos pesquisar, menos enxergamos o que nos leva a visões um tanto quanto precipitadas. E quando estamos distantes, temos uma visão ampla, pois os fatos estão consolidados. Em outras palavras, o historiador nunca vera os fatos da mesma forma que os contemporâneos ao evento os viu.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Mas, se unirmos tanto a primeira concepção como a segunda chegaremos a seguinte constatação como o próprio Schaff nos diz:

"Assim, dois fatores concorrem para a reinterpretação constante da história: a emergência no processo histórico dos efeitos dos acontecimentos passados, o que constitui o "significado" destes últimos; a mudança dos critérios da seleção dos fatos históricos resultante de um novo condicionamento das atitudes e das opiniões dos historiadores. Estes dois fatores estão ligados ao presente, que é o futuro em relação aos acontecimentos passados. Tal é o elemento racional da concepção do presentismo. (SCHAFF, 1978,P.277)"

Agora sabemos que as diferentes versões da história, e que o historiador e suas percepções são oriundas do presente. E para concluir esse raciocínio, mencionaremos Chesneaux, que afirma: " 'Permitir ao homem compreender a sociedade do passado e aumentar seu controle sobre a sociedade do presente', tal é a dupla função da história, segundo E.H Carr. Certamente, mas é o segundo termo que sozinho, da, sentido ao primeiro" (CHESNEAUX,1995, P.65).

Claramente, toda a discussão ate aqui nos conduz a uma tentativa de explicar o porque de a história, estar sempre em um processo de reconstrução trazendo novos aspectos a cena, mas o caminho que traçamos não explica por completo, pois as diferentes visões pode surgir pela direção que olhamos para o passado. Em outras palavras as fontes também "interferem" na construção do texto histórico.

Considerações finais

A pesquisa cumpriu com o objetivo, de produzir um texto sobre a escrita da história, uma vez que nossa intenção não é responder ou trazer uma solução simples, mas sim, levantar duvidas e questionamentos no leitor, despertando no mesmo a vontade de saber mais sobre teoria da história.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.

SHAFF, Adam. **História e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília, Editora da UnB, 2008.